

Mídia Colaborativa on-line: um novo jeito de fazer TV¹

Collaborative Online Media: a new way of making TV

Mara Cecilia Maciel Cavalcante*

Alessandra dos Santos**

Pretendemos refletir sobre o papel das mídias independentes, que se tornou evidente durante as manifestações de junho de 2013, no Brasil, analisando o formato de jornalismo colaborativo, participativo, on-line e sem cortes, compartilhado via redes sociais pela Internet. Usaremos o exemplo dos coletivos de mídia alternativa e apontaremos as práticas de coletivos de mídia que atuaram nas manifestações no Rio de Janeiro até outubro daquele ano. Pretendemos discutir o surgimento, a origem, a prática e o papel fundamental que tais coletivos exerceram na divulgação dos fatos no momento em que ocorriam, revelando um real diferente do que era mostrado habitualmente.

The paper discusses the role of independent media, which became apparent during the June 2013 protests in Brazil, by analyzing the format of collaborative, participatory, online and uncut journalism, shared via social networking on the Internet. We use examples of collective alternative media and point collective practices of media that acted in the protests of Rio de Janeiro until October of that year. We intend to discuss the emergence, origin, practice, and the key role that such collective media played in disclosing facts in real time, revealing a different reality from what was usually shown to the viewers.

Palavras-chave: Redes Sociais. Internet. Colaboração. Mídia alternativa. Movimentos Sociais. Ciência da Informação.

Key words: Social networks. Internet. Collaboration. Media activism. Social Movements. Information Science

Introdução

Utilizando-se de mensagens via Twitter e Facebook, uma mídia independente anunciava aos seus seguidores que mais uma transmissão estaria acontecendo ao vivo. E tem sido assim. Durante todas as manifestações que ganharam força a partir de junho de 2013, no Brasil, levando milhares de pessoas às ruas dos grandes centros urbanos como São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Porto Alegre e

¹ Esta é uma produção colaborativa, fruto de trabalho produzido como conclusão do curso "As Redes Sociais Antes e Depois da Internet: O Que São e Suas Possibilidades Para a Saúde", do Programa de Pós-Graduação em Informação, Comunicação e Saúde (PPGICS), do Instituto de Comunicação e Informação em Ciência e Tecnologia (ICICT), da Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ), organizado pelo Núcleo de Experimentação de Novas Tecnologias Interativas (NEXT/ICICT/FIOCRUZ) e, também, como pesquisa de mestrado para o Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPGCI), do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT) e Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), entre 2013/2014. Para saber mais sobre o curso do ICICT, acesse o Grupo dos Participantes do Curso no Facebook, no endereço: <https://www.facebook.com/notes/nilton-bahlis-dos-santos/curso-as-redes-sociais-antes-e-depois-da-internet-o-que-s%C3%A3o-e-suas-possibilidade/483083765084151>.

* Mestranda em Ciência da Informação pelo Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia/Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGCI-IBICT/UFRJ). E-mail: maraceciamaciel@gmail.com.

** Pesquisadora do NEXT (Núcleo de Experimentação de Tecnologias Interativas) e Editora Executiva do Portal ProQualis, ambos localizados no ICICT/Fiocruz. E-mail: alesantos02@gmail.com.

Brasília, além de diversas cidades de menor porte em todo o Brasil, encontramos um representante dessa atitude informativa. A causa inicial das manifestações de 2013 era protestar contra os “vinte centavos” de aumento da tarifa do transporte público; mas o que se viu com o passar dos dias, através das imagens veiculadas pela mídia alternativa via redes sociais na Internet, era que outras reivindicações se juntavam aos protestos e elas exigiam mudanças muito mais profundas nas instituições e na forma de governar o Brasil.

As imagens que se viam nas ruas eram de jovens que portavam cartazes, tiravam fotos com seus dispositivos móveis e depois publicavam em redes sociais a sua indignação contra o desperdício de dinheiro público e a falta de investimentos na Educação e na Saúde (“Queremos escolas e hospitais no padrão Fifa”), contra a corrupção (“Isso é + do que um protesto contra o aumento. Isso é um grito popular de que não aguentamos mais tanta corrupção!!!”) e protestavam contra a violência policial (“Era um país muito engraçado, não tinha escola, só tinha estádio. Ninguém podia protestar não, porque a PM sentava a mão”)².

Convocados a participar das manifestações através das redes sociais, tendo originalmente o Movimento Passe Livre, de São Paulo, como mobilizador da causa do transporte público e gratuito, milhares de pessoas enxamearam ruas, praças e prédios institucionais em manifestações que duravam horas, em várias regiões do país, acompanhadas de perto por coletivos midialivristas³ e manifestantes que filmavam e transmitiam, ou que apenas postavam a partir de seus celulares com banda larga, as imagens ao vivo e sem cortes para todo o Brasil e o mundo, via Internet. Hoje o mundo está midiaticado, nos aponta Bia Martins⁴ em seu artigo *Somos Todos Mídia*. As imagens captadas hoje estão em repositórios na Nuvem (armazenados em provedores) e que exemplificam uma nova/antiga forma de jornalismo, de apropriação do audiovisual, que documenta o fato e o transmite com imagem e som, em tempo real pela Internet, diferenciando-se do rádio e ao mesmo tempo aproximando-se do objetivo final que é o de informar imageticamente. É sob este ponto de vista que este trabalho se estruturou. Os midiativistas, além de recriarem e aumentarem o arquivo jornalístico e informativo sobre o fato filmado em tempo real, fotografado ou apenas transmitido, colaboraram com a divulgação do mesmo, dinamizando e diversificando o ambiente comunicacional. No horizonte, “é preciso reconhecer que a circulação de notícias e opiniões mudou radicalmente e para sempre.”(MARTINS, 2013)⁵.

² Para ver essas e outras imagens acesse o link disponível em <<http://bit.ly/12T2qzF>>.

³ O termo surgiu da necessidade sentida por coletivos independentes de jornalistas, artistas, escritores de uma mídia independente das corporações, a partir do Fórum Mundial de Mídia Livre, realizado no Rio de Janeiro em junho de 2008. Ver artigo “Midialivristas Univos!”, publicado pela revista Lugar Comum e vídeo com entrevista da Professora Ivana Bentes em <https://www.youtube.com/watch?v=dDBZnU0W0j4>

⁴ Doutora em Ciências da Comunicação pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. Pesquisadora do Colabor (Núcleo de Pesquisa em Linguagens Digitais), da ECA/USP, e do grupo de pesquisa Novas Tecnologias, Cultura e Práticas Interativas e Inovação em Saúde, da Fundação Oswaldo Cruz. São Paulo, Brasil.

⁵ Disponível em: <<https://autoriaemrede.wordpress.com/2013/08/14/somos-todos-midia/>>.

Coletivos de mídia alternativa: sua influência e contribuição ao jornalismo tradicional

As redes sociais na Internet, como o Facebook e o Twitter, tiveram grande importância no curso dos eventos que se seguiram às primeiras manifestações.

“A mobilização de cidadãs e cidadãos nas ruas, levada a cabo por meios eletrônicos de comunicação social, particularmente as redes sociais, influenciaram enormemente a agenda política dos governos em todas as suas instâncias: federal, estaduais e municipais. E o fizeram de maneira tão instantânea quanto as mobilizações ganharam adesão massiva” (AMADEU, 2013).

Foi o que se viu após a violenta repressão promovida por policiais militares contra os manifestantes - dentre eles jornalistas da imprensa tradicional⁶ - ainda no início das primeiras manifestações em junho, em São Paulo e no Rio, as capitais com maior concentração de renda do país, segundo o censo de 2010 do IBGE⁷, ou seja, uma reação em regiões onde o nível de questionamento passa principalmente por questões de melhores condições de vida e de mobilidade.

De um lado, a TV tradicional chamava de baderna os protestos, dando ênfase a atos de “vandalismo”⁸ e induzindo os telespectadores a apoiar a ação da polícia ao agredir os manifestantes utilizando balas de borracha, *sprays* de pimenta e bombas de gás lacrimogêneo. De outro, a mídia alternativa exibia ao vivo a ação autoritária, violenta e despreparada do Estado informando a população, através das redes sociais, os fatos de forma direta, interativa, em uma ação inédita do jornalismo. As imagens transmitidas pela mídia alternativa, e por outras iniciativas individuais, construíram novas narrativas ou novos olhares para relatar as manifestações e foram decisivas na mudança de posicionamento de grandes emissoras de TV, como a TV Globo, a Rede Record e a TV Bandeirantes sobre determinado fato por estas veiculado. Até mesmo a mídia impressa precisou se “movimentar” e correr atrás da notícia, que agora passava (e passou) a circular no tempo imediato, sem mediação. As redes sociais tiveram um papel considerável na repercussão dessas imagens tanto ao vivo quanto gravadas e baixadas em redes sociais de audiovisual.

No cenário configurado pelas manifestações políticas que se espalharam pelo Brasil e ganharam força a partir do mês de junho de 2013, as mídias alternativas e independentes veiculadas através das redes sociais asseguraram ao público outro tipo de acesso às informações sobre os protestos. Isso porque as transmissões feitas pelos veículos tradicionais, detentores da maior audiência, foram claramente tendenciosas e superficiais, carregadas pelos interesses das corporações de

⁶ “Jornalista da ‘Folha’ atingida no olho por bala de borracha deixa o hospital.” Portal Imprensa. Disponível no Link: <<http://bit.ly/16n996V>>.

⁷ Disponível em: <Wikipédia>

⁸ “Rótulo” que tem servido a generalizações que uniformizam as mais díspares situações.

comunicação. A mídia NINJA (Narrativas Independentes, Jornalismo e Ação), por exemplo, é uma das representantes dessas outras mídias repercutidas nas redes sociais. Ela nasceu em 2012, em São Paulo, e é um coletivo de mídia jornalística dentro do coletivo “Fora do Eixo”.

Aqui cabe um esclarecimento. Os coletivos de produção cultural estão espalhados pelo Brasil desde a criação dos Pontos de Cultura, no governo Lula. O “Fora do Eixo” foi um destes que se define como uma rede de trabalhos, “colaborativa e distribuída”, concebida em 2005 em Cuiabá (MT). O coletivo passou a articular eventos como festivais de música, cinema e teatro. A parceria entre diversos produtores culturais de norte a sul do país, em cidades que não faziam parte do eixo Rio-São Paulo, era a proposta do grupo liderado por Pablo Capilé, para incentivar a produção cultural musical, as bandas, na troca de tecnologia de produção e a distribuição do resultado desta produção fora do eixo das grandes organizações culturais e de comunicação. No calor das manifestações, porém, o modo de organização e formação dos grupos coletivos pelo Fora do Eixo abrigados, a manutenção de suas casas coletivas, além da captação de recursos utilizados por eles, foi duramente questionada. Surgiram denúncias como a da apropriação intelectual da produção coletiva por um grupo de “líderes”, a falta de transparência sobre a captação e o uso dos recursos, a forma centralizada e vertical que o coletivo é mantido, o que contrastava com a ideia de um coletivo horizontal de produção independente e alternativa. As denúncias surgiram a partir da publicação de nota pela cineasta Beatriz Seigner, em 07/08/2013, em sua página no Facebook⁹. Em 12/08/2013, a Revista Fórum, através do Blog do Rovai, publicou nota do Fora do Eixo¹⁰ pretendendo esclarecer a polêmica.

Esse debate trouxe mais reflexão sobre uma nova prática jornalística. Voltaram à pauta discussões pontuais que habitam o universo da informação como o papel do jornalismo, por exemplo. A jornalista Eliane Brun, em “Heróis e vilões”, artigo publicado dia 19/08/2013¹¹ pela revista Época, defende a profissão de repórter e a do jornalismo em si, e provoca o debate sobre a mudança de paradigma que se apresenta com a transmissão do excluído para o excluído. Na outra ponta, em questionamento sobre as práticas do coletivo Fora do Eixo o artigo “O preto e a rosa - uma resposta a Rodrigo Savazoni”¹², de Bruno Cava e Giuseppe Cocco, publicado em 02/09/2013¹³, apresenta reflexões sobre práticas políticas e polemiza as questões colocadas no debate sobre como se constitui um coletivo e a potência da multidão nesta prática.

Nas manifestações de junho, os canais utilizados pelo “Mídia NINJA”, que

⁹ Disponível em: <<https://www.facebook.com/beatriz.seigner/posts/10151800189163254>>.

¹⁰ Disponível em: <<http://revistaforum.com.br/blogdorovai/2013/08/12/fora-do-eixo-solta-nota-dialogando-com-as-criticas-recebidas-nos-ultimos-dias/>>.

¹¹ Eliane Brun é colunista da revista Época, jornalista, escritora e documentarista. Publicou os livros: “Uma Duas, Coluna Prestes: o avesso da lenda”, “A vida que ninguém vê”, “O olho da rua: uma repórter em busca da literatura da vida real” e “A menina quebrada”.

¹² Disponível no link: <<http://uninomade.net/tenda/o-preto-e-a-rosa-uma-resposta-a-rodrigo-savazoni>>.

¹³ Rede Universidade Nômade. Disponível em: <<http://uninomade.net/tenda/o-preto-e-a-rosa-uma-resposta-a-rodrigo-savazoni/>>.

transmitiam sua cobertura via *streaming*¹⁴, possibilitaram maior visibilidade ao coletivo pois tinham ao seu alcance recursos que permitiam portar e usufruir de equipamentos de captação e transmissão que alavancaram picos de audiência de 120 mil espectadores, como divulgado pelo Observatório da Imprensa¹⁵. Com seu material bruto, sem cortes nem edição de imagens, a mídia alternativa objetiva levar o próprio público ao centro da ação, numa produção do comum para o comum. Para as filmagens, o “repórter” precisa de uma “unidade móvel”: uma mochila contendo um *laptop* com baterias reservas e carregador, conectado ao *smartphone*, baterias reservas de celular e celular reserva. Para a transmissão, é preciso o sinal de rede 3G ou banda larga. Essa transmissão ao vivo é feita através do Twitcam ou TwitCastin¹⁶. Para atrair espectadores, é preciso apenas um *post* no Facebook, outro no Twitter, que entra automaticamente com a transmissão. A dinâmica de compartilhamentos das redes sociais se encarrega de avisar que a transmissão está no ar. A mídia NINJA possui colaboradores espalhados em alguns estados do Brasil, como São Paulo, Rio de Janeiro, Minas, Pará e Distrito Federal. Segundo seus integrantes, qualquer um pode se tornar um colaborador, bastando para isso se inscrever no canal da Internet de transmissão de vídeos e compartilhar a sua filmagem ou fotografias. Depois da polêmica sobre a autoria e portfólio para os artistas, alguns dos colaboradores cariocas passaram a assinar seus trabalhos.

Outro exemplo de coletivo de mídia alternativa, que surgiu mais tarde, mas ainda no calor do movimento das manifestações, é Rio Na Rua. Em sua página no Facebook, no dia 18/09/2013, estava escrito que: “O RioNaRua surge como uma iniciativa independente de cobertura das manifestações no Rio de Janeiro”. A página é administrada por comunicadores e funciona a partir da colaboração de leitores e das pessoas presentes nos atos e manifestações na cidade. Todas as informações são checadas e rechecadas antes das postagens. Em sua página afirmam: “acreditamos que todos têm o direito de se manifestar nas ruas e, por isso, todos os partidos e entidades devem ser respeitados”.¹⁷ Em entrevista concedida por e-mail às autoras, em 08/10/2013, o coletivo resume como surgiu: “A ideia do Rio Na Rua surgiu a partir da grande incerteza em relação ao que estava acontecendo (no dia 20 de junho isso ficou muito claro, em razão da circulação intensa de notícias falsas) e à insatisfação com a cobertura da mídia tradicional dos eventos, que sempre tratou de deslegitimar as manifestações reduzindo-as ao que chama de “vandalismo””. A página no Facebook foi aberta no dia 20 de junho de 2013, dia das maiores manifestações em todo país. Em 20 de agosto de 2013 possuíam 10.181 seguidores. Em outubro de 2013, cerca de 20 membros mantinham

¹⁴ “*Streaming* é uma forma de distribuir informação multimídia numa rede através de pacotes. É frequentemente utilizada para distribuir conteúdo através da Internet. Em *streaming*, as informações multimídia não são, usualmente, arquivadas pelo usuário que está recebendo o *stream* (...) - a mídia é reproduzida à medida que chega ao usuário (...). Isso permite que um usuário reproduza conteúdos protegidos por direitos de autor, na Internet, sem a violação desses direitos, similar ao rádio ou televisão aberta”. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Streaming>>.

¹⁵ Saiba mais no artigo “POSTV, de pós-jornalistas para pós-telespectadores”. Disponível no link: <<http://bit.ly/17G8lvs>>.

¹⁶ TwitCam e twitcasting são transmissão ao vivo, pelo Twitter. A transmissão pode ser feita por twitcasting (aplicativo desenvolvido para Android e iOS que faz transmissões de áudio e vídeo a partir de um *smartphone*) ou por TwitCam (transmite a partir de um computador de mão através do *site* de transmissão do Twitter) interagindo via chat com os espectadores.

¹⁷ Página do coletivo com informações. Disponível em: <<https://www.facebook.com/RioNaRua/info>>.

o coletivo. Em seu *web site* (www.rionarua.org), no Twitter (twitter.com/rjnarua) e no Facebook (<https://www.facebook.com/RioNaRua>), divulgam convocatórias para atos, notícias e relatos de manifestantes além de acompanhar e transmitir as manifestações. No YouTube (<http://www.youtube.com/user/rjnarua>) postam vídeos feitos pela equipe ou por parceiros. Esse coletivo não tem recursos (“Todo recurso usado para a manutenção deste trabalho vem de nós mesmos, por meio de vaquinhas e colaborações voluntárias.”)¹⁸ e não consegue colocar reportagens por longo tempo no ar, apesar de também ter colaboradores em diversos pontos da cidade: “Ainda temos que contar com o fator disponibilidade de pessoal e de equipamento. Já chegamos a ficar, entre idas e vindas, cerca de 5 a 6 horas ao vivo, como, por exemplo, nos dias 7 de setembro e 1.º de outubro deste ano.”¹⁹ Tanto eles quanto a NINJA podem, ou não, postar direto em um repositório de vídeo. No *site* onde transmitem o *stream*, eles disponibilizam algumas das gravações que depois podem ser encontradas no Vimeo e no YouTube. As coberturas do Rio Na Rua foram decisivas na manutenção do movimento “Ocupa Câmara”, no Rio de Janeiro. “Nos esforçamos para acompanhar bem de perto, estivemos lá quase todos os dias, e buscamos informações com os ocupantes de dentro e de fora. Tínhamos um amigo envolvido de perto no movimento do Ocupa Câmara e ele acabou se juntando oficialmente à nossa equipe. Certamente, foi um período de amadurecimento político para todos que se envolveram na ocupação e, para nós, em especial, de amadurecimento da cobertura política e do próprio movimento que, desde junho, é bastante difuso e complexo de compreender.”²⁰ A Câmara Municipal do Rio de Janeiro foi ocupada por cerca de 20 manifestantes, no dia 08 de agosto de 2013, em defesa da criação de uma CPI para esclarecer as condições do transporte público na cidade do Rio de Janeiro.

Midialivristas independentes e anônimos também contribuem individualmente para o compartilhamento desse novo formato de comunicação em rede digital e de vídeo. Eles colhem fatos sem interferência, ou diríamos, sem ruído comunicacional, gravando as manifestações através de seus celulares ou câmeras portáteis e depois postando nas redes de vídeos. Tudo isso aumenta e colabora com o arquivo jornalístico e a divulgação dos fatos, de forma inversa à prática convencional pela mídia tradicional. O *site* Royal Pingdom²¹, que tem sede na Suécia e trabalha com desenvolvedores da Internet, em 01 de janeiro de 2013 publicou alguns dados sobre o uso de redes sociais e demonstrou que 2,5 milhões de horas de notícias estiveram no ar só no YouTube em 2012, comprovando que a notícia via Internet é uma realidade para a sociedade atual. O surgimento do midiativismo (ativismo em protestos) na cobertura das manifestações não pode ser classificado simplesmente como jornalismo, pois trouxe um formato alternativo de divulgação de informações, carregado, abertamente, de teor ideológico, até então desconhecido por grande parte da população. Ele empoderou o cidadão,

¹⁸ Trecho da entrevista concedida às autoras, por e-mail, em 08/10/2013.

¹⁹ Idem.

²⁰ Idem.

²¹ Disponível no link: <<http://royal.pingdom.com/2013/01/16/internet-2012-in-numbers/>>.

simples ou não, em sua casa e tornou toda a comunicação gerada pela produção de informação em tempo real, mais uma vez como o rádio, de interesse político para toda a sociedade. É interessante observar que esse fenômeno de participação social, estimulado pela Internet e pelo uso de tecnologias interativas, produz um estado de comoção e de mobilização por parte dos “pós-telespectadores”²², segundo Ivana Bentes²³, que muda e recria a ação dos midialivistas. Ao permitir a troca de informações e a oportunidade de comunicação direta com o cidadão, sem intermediadores, cria-se uma rede coletiva com ricas possibilidades de interação. Como o processo ainda está em curso, não podemos avaliar com clareza os limites culturais e ativistas da prática midialivista em coletivos como esses dois a que nos reportamos.

Reflexões quanto à parcialidade das mídias

Podemos dizer que a realidade das ruas e das reivindicações foram divulgadas com parcialidade explícita pelos canais tradicionais e também pelos midialivistas. Vimos, através das mídias alternativas, que era possível transmitir o que realmente estava acontecendo nas ruas. O que deixou atônita toda a imprensa que foi obrigada a “correr” atrás da notícia - tornando evidente a sua forma tendenciosa de criminalizar o movimento.

De um lado estava o que a mídia televisiva tradicional exibia - “badernas”, depredações, policiais sendo atingidos por coquetéis molotovs em matérias editadas de acordo com o interesse do veículo, fortalecendo o que a mídia impressa publicava: os presos acusados de formação de quadrilha e incitação ao vandalismo, às falsas acusações da polícia e as difamações da imprensa²⁴. De outro, as imagens reais e sem cortes, muitas vezes trêmulas, de coletivos alternativos que documentavam toda a ação, tanto de policiais quanto de manifestantes, isolados ou em grupos.

Esse formato foi, por exemplo, responsável por identificar que na manifestação do dia 22 de julho, em frente ao Palácio Guanabara, policiais infiltrados no grupo dos manifestantes haviam começado a confusão jogando bombas contra a polícia. Dois dias depois a TV Globo foi obrigada a liberar as imagens que descriminalizaram o rapaz acusado, Bruno Ferreira Telles. Vejam abaixo como a mídia tradicional, e alternativa, divulgaram o incidente.

No dia 22, a Rede Globo exibe o vídeo²⁵ do confronto em frente ao Palácio Guanabara, sede do Governo, no Rio de Janeiro, que é filmado por um midialivista. As imagens estão trêmulas e embaçadas, percorrem um lado e o outro da cena, procurando

²² Entrevista ao Instituto Humanitas Unisinos. Os escrachos e um novo fenômeno de participação social. Entrevista especial com Ivana Bentes. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/entrevistas/522986-os-escrachos-e-um-novo-phenomeno-de-participacao-social-entrevista-em-com-ivana-bentes>>.

²³ A professora, pesquisadora da Escola de Comunicação (ECO) da UFRJ. Ivana Bentes é hoje uma das pesquisadoras que tem como objeto as mídias colaborativas e as novas formas de comunicação via internet. Participa atualmente de várias plenárias, encontros e palestras, tanto presenciais quanto virtuais - para discutir sobre o tema. Você pode seguir seu perfil no Facebook: <<https://www.facebook.com/ivana.bentes>>.

²⁴ Como foi o caso de Carla Hirt, geógrafa, e seu marido Igor Matela, funcionário da Abin, acusados de vandalismo e difamados pela grande imprensa (veja aqui: <http://bit.ly/1cGgtzz>).

²⁵ Disponível no link: <<http://www.youtube.com/watch?v=TIZmQHEK4L8>>.

o que filmar. Essas imagens são utilizadas pela Rede Globo, durante o seu telejornal. Mostram de um lado da grade os manifestantes - os que aparecem em frente à câmera estão com os rostos cobertos, e do outro lado da grade, o batalhão de choque, com escudos, cassetetes e capacetes. Em 0:36” a câmera focaliza o manifestante encapuzado acendendo o que seria o coquetel molotov e o jogando contra a polícia. Há um enorme estrondo e todos saem correndo. Imagens fixas são mostradas em seguida, em cliques, do coquetel acertando os policiais e das chamas que sobem para cima de alguns deles. Essas imagens foram veiculadas em cadeia nacional. (Duração total: 1’10”).

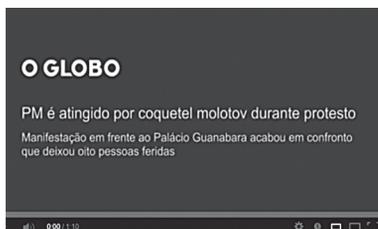


Figura 1 – Imagem fixa

Fonte: Dos Autores (2014)



Figura 2 – Imagem fixa

Fonte: Dos Autores (2014)



Figura 3 – Imagem fixa

Fonte: Dos Autores (2014)



Figura 4 – Imagem fixa

Fonte: Dos Autores (2014)

No entanto, outro vídeo²⁶, publicado no dia 23, dentre vários outros espalhados pela Rede, compila aquelas imagens em frente ao Palácio Guanabara com outras feitas no mesmo dia por midialivistas ou midiativistas e pessoas que acompanhavam as manifestações nas redes sociais. O vídeo mostra imagens esclarecedoras que a grande mídia não levou em consideração. Tais imagens apontam o suposto manifestante encapuzado como sendo um PM, sem farda, infiltrado no protesto para provocar o tumulto. Ele é identificado através da camisa com estampa que usava. Aparece, como no vídeo anterior, atirando o coquetel molotov e depois, após o tumulto, correndo, junto a outro homem, retirando a camisa e entrando na barreira de isolamento junto aos outros policiais. (Duração total: 2’:00”).

²⁶ Disponível no link: <<http://www.youtube.com/watch?v=7pR24GVQQGk>>.



Figura 5 – Imagem fixa

Fonte: Dos Autores (2014)



Figura 7 – Imagem fixa

Fonte: Dos Autores (2014)



Figura 6 – Imagem fixa

Fonte: Dos Autores (2014)



Figura 8 – Imagem fixa

Fonte: Dos Autores (2014)

Dois dias após haver transmitido a matéria que incriminava o rapaz Bruno, dia 24 de julho, a Rede Globo, no *Jornal Nacional*²⁷, em cadeia nacional, diz ter tido acesso exclusivo ao inquérito do rapaz que supostamente havia atirado coquetéis molotovs em policiais e se retrata, dizendo que “ao contrário do que afirmaram notas oficiais das polícias militar e civil, o estudante Bruno Ferreira Telles não portava explosivos”. A matéria, no entanto, deixa claro que houve intenção na acusação do rapaz, já que existia no arquivo a imagem de Bruno protestando e sem mochila. Também fica óbvia a influência da mídia alternativa no recuo editorial da empresa, quando a entrevista do Bruno à Mídia NINJA é colocada no ar. (Duração total: 5’50”).



Figura 9 – Jornal Nacional do dia 24 de julho de 2013

Fonte: Dos Autores (2014)

²⁷ Disponível no link: <<http://www.youtube.com/watch?v=mmcqP52R9Dk>>.

É inegável que o que se viu divulgado pela imprensa tradicional durante as manifestações de junho e julho de 2013, principalmente no trecho Rio-São Paulo, foi um misto de desencontro de informações, manipulação e omissão de apuração jornalística. Muitas informações veiculadas, através das imagens de TV, mostravam uma realidade forjada a cortes e narrativas tendenciosas e baseadas na versão de uma polícia que, como reportado depois pela própria imprensa, manipulava os fatos. Como se viu, a mídia alternativa serviu de pauta para a imprensa convencional que utilizou as imagens da Internet para mostrar uma outra versão do que estava realmente se passando durante as manifestações.

Vimos através das filmagens que havia de um lado uma mídia livre, ativista, que não objetiva fazer jornalismo - apurar e fazer reportagens - e sim registrar, documentar, a ação a partir de um ponto de vista, de uma opinião carregada de teor político. E de outro, uma mídia conservadora, autocentrada, cujo projeto político é hierárquico e fruto de interesses dos donos do jornal e da mesma forma carregado de teor político e conservador.

Com a Internet, e suas redes sociais, ocorre uma quebra da unidirecionalidade clássica dos meios de comunicação. A Internet

“[...] provoca uma fratura no monopólio dos formadores de opinião ligados à mídia de massa, à indústria cultural” porque “oferece muito mais diversidade e pluralidade do que a velha comunicação de massa. E, além disso, com todas as limitações de acesso que ainda existem, o Brasil deu um enorme salto, e a inclusão digital atingiu importantes contingentes das classes C e D.” (KUCINSKI, 2009, p.49).

A Internet e as redes sociais que por ela se organizam quebram o monopólio do “formador de opinião” tradicional e o mais importante: essas tecnologias digitais dão ao cidadão, o direito de informar, independente do direito de ser informado. Portanto, não haveria mais, no processo comunicativo, a separação entre emissor e receptor da informação. Dado o volume exponencial de informação que temos no mundo, não há mais como controlar e centralizar a informação. Em um sistema complexo e aberto como a Internet,

“[...] a comunicação e as relações entre diferentes agentes, são múltiplas e de natureza diversa, ocorrendo simultaneamente em variadas direções (através de múltiplos ‘canais’) e produzindo os mais diferentes tipos de informação ao mesmo tempo.” (SANTOS, 2009, p.7).

A informação distribuída

Podemos observar de perto que hoje com a utilização em massa da Internet, as emissoras de TV não possuem mais tanta influência quanto há dez anos quando

decidiam que tipo de conteúdo deveríamos consumir. Pesquisa encomendada pelo Palácio de Planalto para a Pesquisa brasileira de mídia 2014 - Hábitos de consumo de mídia pela população brasileira, realizada pelo Ibope e publicada em fevereiro de 2014, constata que havia 94 milhões de internautas no país, no último trimestre de 2012²⁸ e que eles passam mais tempo navegando que assistindo à televisão²⁹. Agora, apesar do controle que exerce a grande mídia em parceria com a ideologia de dominação dos meios de comunicação que controlam o que os telespectadores vão consumir, podemos supor um caminho em direção a decidir o que queremos ver, na hora que desejamos e quantas vezes quisermos, se não nos deixarmos aprisionar sob o controle das grandes corporações que se agigantam no interior da Rede³⁰. Contraditoriamente, esta é uma realidade possível e hoje questionada no que se trata das individualidades, privacidade e segurança nas escolhas de navegação. As corporações envolvidas com telecomunicações e comunicação de uma forma geral alimentam a ideia de cerceamento das expressões do indivíduo que não pagar para ter acesso ao ciberespaço confortando o mercado exercido no interior e para além da Internet por empresas como Google, Facebook, Apple ou Microsoft. Atualmente, muitas pessoas que assistem à TV, a “segunda tela”³¹ como hoje é conhecida, estão simultaneamente digitando num computador, *tablet* ou *smartphone*, ampliando sua rede de interação com diversos tipos de informação. Apenas para ilustrar esse fenômeno, uma pesquisa realizada pela empresa de mercado e gestão de relacionamentos nas redes sociais *E.life* aponta que 98% das pessoas estão conectadas diretamente às mídias sociais. Quando se trata do fenômeno da “segunda tela”, 71% das pessoas utilizam a *web* enquanto assistem à TV. Além disso, 26% escolhem suas programações de acordo com os comentários na Internet. O crescimento no uso da Internet móvel nos *smartphones* também reflete essa tendência³². Essa combinação de Internet com aparelho celular gera uma enorme mobilidade e faz com que surjam novas possibilidades de comunicação. Os celulares saíram em campo para fotografar, filmar e postar comentários nas redes de todo o mundo. Segundo pesquisa da Nielsen³³, “apesar de a TV e do computador domésticos ainda serem os aparelhos mais populares para assistir conteúdo em vídeo, o uso e crescimento das tecnologias on-line e móveis estão exercendo um impacto contínuo” (RELATÓRIO NIELSEN, 2012).

O filósofo francês Michel Serres, em seu ensaio “Petite Poucette” (SERRES, 2012, p.19), reflete sobre esse fenômeno da mobilidade e da informação disponível, 24h, nas

²⁸ O resultado da pesquisa foi publicado também pela Internet neste link: <<http://de.slideshare.net/BlogDoPlanalto/pesquisa-brasileira-de-mdia-2014>>.

²⁹ Matéria no Estadão: <<http://www.estadao.com.br/noticias/nacional,brasileiro-fica-mais-tempo-na-internet-do-que-vendo-tv-diz-pesquisa,1138235,0.htm>>.

³⁰ Existem grupos de estudo e discussão sobre as leis e os fantasmas que regem a Internet. A disputa pelo ciberespaço já tem condenados e mortos. Ver Assange, Julian - Cypherpunks - Liberdade e o Futuro da Internet, 2013, Ed. Boitempo.

³¹ O termo “segunda tela” (second screen) é muito usado nas áreas de publicidade, propaganda e marketing e se refere à utilização de uma segunda tela conectada à internet, como um laptop, *smartphone* ou *tablet*, enquanto se assiste à televisão, dando aos espectadores a opção de interagir com os programas assistidos e com anúncios publicitários.

³² “Fenômeno da Segunda Tela é um complemento das redes sociais” Notícias Portal R7. Disponível em: <<http://noticias.r7.com/tecnologia-e-ciencia/noticias/fenomeno-da-segunda-tela-e-um-complemento-das-redes-sociais-20130710.html>>.

³³ Nielsen, líder global no fornecimento de informações e análises sobre o que o consumidor assiste e compra. Disponível em: <<http://www.br.nielsen.com>>.

pontas dos dedos, ao qual os jovens de hoje têm acesso. Jovens estes que estão sempre a percorrer e a digitar nas telas planas, “touch” de grandes e pequenos equipamentos portáteis. Hoje, afirma Serres, todo o saber que circula on-line pelo mundo pode ser carregado dentro de nossos bolsos e bolsas. Ele é distribuído e acessível a todos: “entre as pessoas, pelo telefone celular, em todos os lugares, pelo GPS, o acesso ao saber está doravante aberto”.

O fenômeno das redes sociais na Internet

O fenômeno das redes sociais na Internet ainda não é bem compreendido pela sociedade. As sociedades complexas, em rede, que compartilham conhecimento e inovações são antigas na nossa história e objeto de estudo para diversas ciências. No momento atual, a novidade são os múltiplos usos que as ferramentas interativas (web 2.0) da Internet podem proporcionar ao conhecimento, transformando o homem e a sociedade a partir de desdobramentos adquiridos pela facilitação do uso destas tecnologias na organização, mobilização e divulgação de eventos sociais, de forma ágil distribuída pela rede.

Os protestos iniciados nas redes sociais pela Internet não ficaram restritos a esse universo. Através delas milhares de pessoas agendavam manifestações em eventos no Facebook e Twitter, e posteriormente se encontravam nas ruas, praças e auditórios para protestar e reivindicar seus direitos, em várias regiões do mundo. No Brasil nós temos alguns pontos a considerar na utilização das ferramentas e das redes sociais na Internet, como construção de redes de produção e de conhecimento, dentro e fora delas. Na gestão do ministro Gilberto Gil (2003/2008), o Ministério da Cultura do Brasil criou o programa Cultura Viva, com objetivo de incentivar, por meio de repasse direto de recursos, práticas culturais, preexistentes ou inovadoras, de grupos sociais em todas as regiões do país. “O programa Cultura Viva tem como objetivo promover o acesso aos meios de fruição, produção e difusão cultural, potencializar as energias sociais e culturais e construir novos valores de cooperação e solidariedade [...] destina-se à população de baixa renda, estudantes da rede básica de ensino, comunidades indígenas, rurais e quilombolas, agentes culturais artistas, professores e militantes sociais.” (ORTELLADO, 2012)³⁴. Os Pontos de Cultura seriam as ações principais do Cultura Viva e tinham o objetivo de ser o elo entre o governo e a sociedade civil, movimentando diversos atores, sem local ou modelo definido para sua construção, com “iniciativas que envolvem comunidades em atividades de arte, cultura, educação, cidadania e economia solidária” (ORTELLADO, 2012)³⁵. Essa fruição de ideias solidificou diversas redes de compartilhamento de informação e experiências, dentro e fora da Internet. Essas

³⁴ Retirado da página de Pablo Ortellado no Wikipédia. Disponível em: <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Usu%C3%A1rio\(a\):Pablo_Ortellado/Programa_Cultura_Viva_\(Pontos_de_Cultura\)>](http://pt.wikipedia.org/wiki/Usu%C3%A1rio(a):Pablo_Ortellado/Programa_Cultura_Viva_(Pontos_de_Cultura)>).

³⁵ Idem.

iniciativas aproximaram grupos de diversos interesses e a Internet diminuiu a distância geográfica e cultural imposta pelo nosso enorme Brasil.

Manuel Castells, em uma análise minuciosa sobre as manifestações nas ruas atuais, lembra que os movimentos em rede social na Internet começaram no Oriente e se espalharam pelo mundo:

“Em 15 de outubro de 2011, uma rede global de movimentos Occpy, sob a bandeira ‘Unidos pela Mudança Global’, mobilizou centenas de milhares de pessoas em 951 cidades de 82 países, reivindicando justiça social e democracia real. Em todos os casos, os movimentos ignoraram partidos políticos, desconfiaram da mídia, não reconheceram nenhuma liderança e rejeitaram toda organização formal, sustentando-se na internet e em assembleias locais para o debate coletivo e a tomada de decisões.” (CASTELLS, 2013, p.9).

Portanto, podemos identificar uma linha comum entre os objetivos e práticas desenvolvidas num painel de organização social diferente, independente do território ou continente, um modo de se organizar nada usual, seja agora através das tecnologias interativas, com as quais as gerações jovens têm facilidade de lidar e interagir. Na opressão o homem procura uma saída. Ainda segundo Castells, as mobilizações sociais via Internet começaram em países onde a pobreza, a crise econômica e a falta de democracia eram evidentes. As redes sociais na Internet vêm demonstrando sua forte interferência na sociedade, não só em reivindicações em multidões pelo mundo afora, mas também em situações humanitárias em catástrofes, como na ajuda aos atingidos pelo *tsunami* do Oceano Índico, em 2004³⁶, ou na tentativa de ajudar a encontrar vestígios do voo MH370, da Malaysian Airlines, desaparecido em março de 2014, através em ações de “crowdsourcing” utilizadas pelos parentes dos passageiros e tripulantes.³⁷

Concordamos com André Lemos que,

“[...] as redes sociais servem para fazer circular tudo, desde informações do diaadia, até aquilo que governos tentam esconder, ou que a mídia não informa por interesses. Os slogans das ruas são os mesmos encontrados no Twitter ou Facebook. Não há separação entre a rede e a rua. Uma potencializa a outra. É o que acontece no Brasil (e no Egito, na Tunísia, na Espanha, no Occupy ou no “Desocupa” baiano) frase em cartazes, “Saí do Facebook”, não nega a internet. Antes, a afirma: usem o “Face”, mas venham para as ruas” (LEMOS, 2013)³⁸

Compreender a sociedade das redes digitais e dos movimentos sociais que por ela

³⁶ Media Coverage & Charitable Giving After the 2004 Tsunami By: Philip Brown and Jessica Minty. Disponível em: <<http://wdi.umich.edu/files/publications/workingpapers/wp855.pdf>>.

³⁷ Matéria publicada em 14/03/2013 pelo The Guardian. Disponível em <<http://www.theguardian.com/world/2014/mar/14/tomnod-online-search-malaysian-airlines-flight-mh370>>.

³⁸ Texto publicado no blog de André Lemos. “Saí do Facebook. A Rede e a rua”. Disponível no link: <<http://andrelemos.info/2013/07/sai-do-facebook-a-rede-e-a-rua/>>.

nasceram demanda ter uma nova compreensão da realidade em que vivemos; demanda transitar da velha ordem para o ambiente caótico da transição.

Conclusão

Depois de tudo isso que foi visto, perguntamos: houve uma crise de credibilidade da mídia/imprensa tradicional? Ela será substituída por narrativas inovadoras? Vai acabar esse formato de “transmissão” de informação?

É verdade que a mídia tradicional demorou a divulgar informações relevantes sobre os protestos no Brasil. A imprensa conservadora continua dominando o mercado da indústria cultural. Não nos enganemos ao achar que a Internet mudou isso. Ainda não. No Brasil, as televisões estão ligadas e sintonizadas no “plim-plim” em quase todos os bares, restaurantes, biboquinhas e da maioria das salas de todas as classes sociais, passando ideologia e sedimentando interesses políticos e econômicos convenientes ao poder. Durante as manifestações de 2013 pelo Brasil, entre junho e outubro, período em que nos detivemos para este trabalho, enquanto a imprensa no horário nobre da TV só noticiava o quebra-quebra em lojas, a mídia livre, através das redes sociais, divulgava vídeos filmados no calor das manifestações nas quais se presenciavam fatos como os de pessoas sendo presas e acusadas sem provas cabais, policiais agredindo advogados e jornalistas, agressões bélicas e humilhações contra a população. A mídia livre compartilhava a informação via rede, no ambiente da Internet. Na sequência, rapidamente, através das redes sociais, víamos a mídia tradicional cair em descrédito por não mostrar o que efetivamente acontecia nas ruas. (SANTOS et al., 2013). Como vimos, o que acontecia nas ruas foi filmado e transmitido ao vivo pelos vários midiativistas da mídia livre, replicados em vários *sites*. Quem via as imagens da TV convencional e as comparava com as imagens que esses coletivos alternativos transmitiam pela Internet ficava, no mínimo, desnordeado.

O professor Giuseppe Cocco, em entrevista ao jornal “Brasil de Fato”, publicada em 22 de outubro de 2013, contribui para o debate afirmando que “a internet e as redes, de forma geral, não são uma opção: são a nossa condição de vida e de trabalho. Nós trabalhamos entre as redes e as ruas, e os movimentos também se organizam e se articulam entre as redes e as ruas.” (BENVENUTI, 2013). Na medida em que as imagens alternativas, que oferecem um novo olhar aos protestos e às suas consequências como as depredações e prisões, vão sendo compartilhadas na Internet pelas redes sociais, a imprensa e a sociedade civil começam a dar mais atenção a essas novas narrativas e a replicar algumas de suas ações. Hoje, a mídia tradicional não pode mais negar essas narrativas contadas na rede, por mais que tente ignorá-las. O jornalismo tradicional não dá mais conta de transmitir sozinho, de forma hegemônica, o que acontece nas ruas ou a informação de que gostaríamos. O jornalismo de hoje transita para a lógica da comunicação

via Internet, fazendo uso das tecnologias interativas e de informação, funcionando de forma distribuída, descentralizada. Aqui cabe lembrarmos que a mesma indústria da comunicação que aprisiona, censura, direciona e manipula informação, também está no ambiente da Internet. Hoje, grandes corporações como o Google, Facebook, Yahoo, Apple, Microsoft e diversas corporações, inclusive as instituições de espionagem, fazem uso das nossas informações pessoais para fins comerciais ou políticos e acumulam poder e grandes fortunas com nossas preferências e privacidade. Julian Assange alerta que da mesma maneira que empresas privadas manipulam nossos interesses, os governos também detém o controle sobre os nossos dados pessoais (ASSANGE, 2013, p.21).

O midiativismo no Brasil, especialmente (e maciçamente) no Rio de Janeiro e em São Paulo, está quebrando mais um paradigma na comunicação atual. O NINJA, ou o Rio na Rua, são apenas dois exemplos dos numerosos coletivos que vêm compartilhando informação e mostrando ao mundo que no Brasil o que acontece no dia a dia está longe de ser noticiado pela imprensa tradicional e conservadora, como “The Guardian” observa em humorada matéria, publicada em 29/08/2013, que faz uma retrospectiva do midialivrisimo e suas implicações no movimento. Não devemos, no entanto, pensar que essa nova forma de fazer e pensar a TV está ao alcance de todos. Muitos ainda são aqueles que só acompanham as notícias via jornais tradicionais e não entendem a motivação e o ativismo dos jovens que saíram às ruas para documentar as manifestações e o porquê destas. Muitos ainda recusam a Internet e sua potência. A inovação talvez esteja em usar as ferramentas que o poder de vigilância, as corporações e os governos nos oferecem, às avessas, atuando em rede, utilizando as ferramentas e as geringonças eletrônicas conectadas à Internet e assim como os seus resultados.

Referências

AMADEU, Sérgio; PIMENTEL, Tiago. *Cartografia de espaços híbridos* [Blog]: as manifestações de junho de 2013. Publicado em 11 de julho de 2013. Disponível em: <<http://interagentes.net/2013/07/11/cartografia-de-espacos-hibridos-as-manifestacoes-de-junho-de-2013/>>. Acesso em: 13 jul. 2013.

ANEXO: Lista de municípios do Brasil por PIB. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2013. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Anexo:Lista_de_munic%C3%Adpios_do_Brasil_por_PIB#Cite_note-1>. Acesso em: 15 ago. 2013.

ASSANGE, Julian et al. *Cypherpunks: liberdade e o futuro da Internet*. São Paulo: Boitempo, 2013.

BELISÁRIO, Adriano et al. Midialivristas, univos! *Lugar Comum*, Rio de Janeiro, n. 25-26, p. 137-141, 2008. Disponível em: <http://uninomade.net/wp-content/files_mf/112303120543Lugar%20Comum_25-26_completo.pdf>. Acesso em: 19 mar. 2015.

BENVENUTI, Patrícia. Abrir-se para onda. *Brasil de fato: uma visão popular do Brasil*

e do Mundo [on-line], 22 out. 2013. Disponível em: <<http://www.brasildefato.com.br/node/26414>>. Acesso em: 26 mar. 2014.

BRASIL. Presidência da República. Secretaria de Comunicação Social. *Pesquisa Brasileira de Mídia 2014*. Brasília: Secom, 2014. Disponível em: <<http://de.slideshare.net/ BlogDoPlanalto/pesquisa-brasileira-de-mdia-2014>>. Acesso em: 25 mar. 2014.

BRUN, Eliane. Heróis e vilões não cabem na reportagem. *Época* [on-line], São Paulo, 19 jul. 2013. Disponível em: <<http://epoca.globo.com/colunas-e-blogs/eliane-brum/noticia/2013/08/bhe-roisb-e-bviloesb-nao-cabem-na-reportagem.html>>. Acesso em: 25 mar. 2014.

CASTELLS, Manuel. *Redes de Indignação e Esperança*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

COCCO, Giuseppe. *MundoBraz: o devir-mundo do Brasil e devir-Brasil do mundo*. Rio de Janeiro: Record, 2009.

COMO fazer uma Twitcam no iPhone! [Vídeo (5min20s)] In: YOUTUBE. [S.l.: S.n.], 2012. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=capBa__8T5Y>. Acesso em: 14 ago. 2013.

FACEBOOK NINJA: mídia, notícias e publicidade [página em rede social on-line]. Disponível em: <<https://www.facebook.com/midiaNINJA>>. Acesso em: 14 ago. 2013.

FISHWICK, Carmen. Tomnod – the online search party looking for Malaysian Airlines flight MH370. *The Guardian*, 14 mar. 2014. Disponível em: <<http://www.theguardian.com/world/2014/mar/14/tomnod-online-search-malaysian-airlines-flight-mh370>>. Acesso em: 28 mar. 2014.

FORA do eixo: portal da transparência [página on-line, 201-?]. Disponível em: <<http://foradoeixo.org.br/>>. Acesso em: 15 ago. 2013.

INTERNET 2012 in numbers. *Royal Pingdom* [Blog], Publicado em 16 de janeiro de 2013. Disponível em: <<http://royal.pingdom.com/2013/01/16/internet-2012-in-numbers/>>. Acesso em: 15 ago. 2013.

KUCINSKI, Bernardo. *Diálogos da perplexidade: reflexões críticas sobre a mídia*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2009.

LEMOS, André. Saí do Facebook: a rede e a rua. *Carnet de notes* [blog]: tecnologia, comunicação e cultura. Publicado em 14 de julho de 2013. Disponível em: <<http://andrelemos.info/2013/07/sai-do-facebook-a-rede-e-a-rua/>>. Acesso em: 5 ago. 2013.

LORENZOTTI, Elizabeth. POSTV, de pós-jornalistas para pós-telespectadores. *Observatório da imprensa*, São Paulo, ano 18, n. 842, jun. 2013. Disponível em: <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/postv_de_pos_jornalistas_para_pos_tespectadores>. Acesso em: 14 ago. 2013.

MARTELETO, R.M. Redes sociais, mediação e apropriação de informações: situando campos, objetos e conceitos na pesquisa em Ciência da Informação. *Revista Ciência da Informação*, Brasília, v.3, n.1, p.27-46, jan./dez. 2010. Disponível em: <<http://inseer.ibict.br/ancib/index.php/bci/article/view/26/56php>>. Acesso em: 1 set. 2013.

MARTINS, Bia. Somos todos Mídia. *Autoria em rede* [Blog], Publicado em 18 de

agosto de 2013. Disponível em: <<https://autoriaemrede.wordpress.com/2013/08/14/somos-todos-midia/>>. Acesso em: 17 ago. 2013.

MOURA, Rafael Moraes. Brasileiro fica mais tempo na internet do que vendo TV, diz pesquisa. *Jornal Estadão*, São Paulo, 7 mar. 2014. Política. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/noticias/nacional,brasileiro-fica-mais-tempo-na-internet-do-que-vendo-tv-diz-pesquisa,1138235,0.htm>>. Acesso em: 25 mar. 2014.

NIELSEN BRASIL. *Consumidores online ao redor do mundo e meios de comunicação multi-telas* [página on-line]: hoje e amanhã. São Paulo, 22 maio 2012. Disponível em: <<http://www.nielsen.com/br/pt/insights/reports/2012/consumidores-online-ao-redor-do-mundo-e-meios-de-comunicacao-multi-telas-hoje-e-amanha.html>>. Acesso em: 16 ago. 2013.

O que é midialivrismo? [Vídeo (4min.43s)]. In: YOUTUBE. [S.l.: S.n.], 2014. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=dDBZnU0W0j4>>. Acesso em: 10 nov. 2014.

OS ESCRACHOS e um novo fenômeno de participação social.: entrevista especial com Ivana Bentes. *IHU on line: revista do Instituto Humanitas Unisinos*, São Leopoldo, 23 ago. 2013. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/entrevistas/522986-os-escrachos-e-um-novo-fenomeno-de-participacao-social-entrevista-especial-com-ivana-bentes>>. Acesso em: 15 ago. 2013.

RESTAURAÇÃO de potência. Web Realidade [on-line, 20--]. Disponível em: <<http://www.google.com/url?q=http%3A%2F%2Fwww.webrealidade.tk%2F&sa=D&sntz=1&usg=AFQjCNHxVJA7mOVS1X2c93dBkQxXR3bZXA>>. Acesso em: 15 ago. 2013.

RIO NA RUA [Movimento social]. [Entrevista concedida por e-mail às autoras pelo coletivo de mídia livre Rio na Rua, em 08 de outubro de 2013. Documento de texto no *GoogleDocs*], 2013. Disponível em: <https://docs.google.com/document/d/1TlueVZGj8VRfRgmpmWLKTXP4q_3lg9RmcrvxWuuob70edit?usp=sharing.&sa=D&sntz=1&usg=AFQjCNFUJaQOHYovFcrhloJfQMWuPXpZVA>. Acesso em: 15 ago. 2013.

RIO NA RUA. [Página on-line], Rio de Janeiro, 2014. Disponível em: <<http://rionarua.org/>>. Acesso em: 15 ago. 2013.

RIO Police Video of Molotov Cocktail Attack. [Vídeo (1min09s)] In: YOUTUBE. [S.l.: S.n.], 2013. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=TIZmQHEK4L8>>. Acesso em: 24 jul. 2013.

ROVAI, Renato. Fora do Eixo solta nota dialogando com as críticas recebidas nos últimos dias. *Revista Fórum*, Bela Vista, SP, 12 ago. 2013. Disponível em: <<http://www.google.com/url?q=http%3A%2F%2Frevistaforum.com.br%2Fblogdorovai%2F2013%2F08%2F12%2Ffora-do-eixo-solta-nota-dialogando-com-as-criticas-recebidas-nos-ultimos-dias%2F&sa=D&sntz=1&usg=AFQjCNGrGp3zcYB5-69xVH0iESA5zrCRUq>>. Acesso em: 2 ago. 2013.

SANTOS, Nilton Bahlis dos et al. Um fantasma ronda o Brasil e o mundo: o fantasma das Redes Sociais. *Next* [Repositório de artigos], Rio de Janeiro, 2014. Disponível em: <<http://arquivos.next.icict.fiocruz.br/content/59>>. Acesso em: 10 ago. 2013.

SANTOS, Nilton Bahlis. Para uma revisão dos conceitos de Informação e Comunicação na Sociedade da Informação. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE SOCIOLOGIA,

14., 2009, Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz, 2009. Disponível em: <<http://arquivos.next.icict.fiocruz.br/sites/arquivos.next.icict.fiocruz.br/files/Congresso%20Brasileiro%20de%20Sociologia2009.pdf>>. Acesso em: 15 set. 2013.

SEIGNER, Beatriz. *Fora do fora do eixo* [publicado em rede social on-line]. Facebook, 7 ago 2013. Disponível em: <https://www.facebook.com/beatriz.seigner/posts/1015180018_9163254>. Acesso em: 14 ago. 2013.

SERRES, Michel. *Petite Poucette*. Paris: Éditions Les Pommier, 2012.

SOBRE o molotov e a mochila encontrada dia 22/07/2013 (compilado imagens p2 infiltrado). [Vídeo (1min.59s)]. In: YOUTUBE. [S.l.: S.n.], 2013. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=7pR24GVQQGk>>. Acesso em: 24 jul. 2013.

STREAMING. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2013. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Streaming>>. Acesso em: 15 ago. 2013.

THE WILLIAM DAVIDSON INSTITUTE AT THE UNIVERSITY OF MICHIGAN. Media Coverage & Charitable Giving After the 2004 Tsunami By: Philip Brown and Jessica Minty. Disponível em: <<http://wdi.umich.edu/files/publications/workingpapers/wp855.pdf>>. Acesso em: 26 mar. 2014.

USUÁRIO(a):Pablo Ortellado/Programa Cultura Viva (Pontos de Cultura). In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2015. Disponível em: <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Usu%C3%A1rio\(a\):Pablo_Ortellado/Programa_Cultura_Viva_\(Pontos_de_Cultura\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/Usu%C3%A1rio(a):Pablo_Ortellado/Programa_Cultura_Viva_(Pontos_de_Cultura))>. Acesso em: 26 mar. 2014.

24/07/2013 Jornal Nacional - Matéria inocenta o estudante Bruno que foi preso em manifestação no RJ). [Vídeo (5min.49s)]. In: YOUTUBE. [S.l.: S.n.], 2013. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=mmcqP52R9Dk>>. Acesso em: 28 set. 2013.

WATTS, Jonathan. Brazil's ninja reporters spread stories from the streets. *The Guardian*, 29 ago. 2013. Disponível em: <<http://www.google.com/url?q=http%3A%2F%2Fwww.theguardian.com%2Fworld%2F2013%2Faug%2F29%2Fbrazil-ninja-reporters-stories-streets>>

_____. _____. *The Guardian*, 29 ago. 2013. Disponível em: <<http://www.theguardian.com/world/2013/aug/29/brazil-ninja-reporters-stories-streets>>. Acesso em: 2 ago. 2013.

Artigo recebido em: 29 mar. 2014
Aceito para publicação em: 30 dez. 2014

ANEXO 1

Rio de Janeiro, 08 de outubro de 2013

pedimos desculpas pela demora, mas seguem as respostas :)

Porque existe o Rio na Rua?

É difícil dar um porquê. Talvez pela convergência de fatores tecnológicos, humanos e históricos. Em junho deste ano, tivemos o maior levante popular que pudemos testemunhar na nossa vida adulta. Vivemos em uma época em que as tecnologias de comunicação permitem troca de informação e registro visual imediatos, com relativamente poucos recursos. Também somos um grupo com experiências individuais complementares, todos com grande vontade de trabalhar coletivamente, com interesse pela política e suas relações com as construções sociais, do campo simbólico ao material. A repressão a estas manifestações, a partir de junho, também foi determinante para que nos reuníssemos.

-Quando começou a atuar e por onde?

A ideia do Rio Na Rua surgiu a partir da grande incerteza em relação ao que estava acontecendo (no dia 20 de junho isso ficou muito claro, em razão da circulação intensa de notícias falsas) e à insatisfação com a cobertura da mídia tradicional dos eventos, que sempre tratou de deslegitimar as manifestações reduzindo-as ao que chama de “vandalismo”.

É certo que, desde os primeiros protestos, já havia iniciativas individuais de cobertura -- é só olhar para a imensa profusão de cenas do dia 13 de junho em São Paulo, que de certa forma foi o gatilho para os eventos da semana seguinte -- mas ainda muito fragmentadas, difíceis de serem localizadas, etc. Além disso, há a questão da violência do estado -- a repressão brutal exigia uma cobertura ao vivo, como forma de proteção sobretudo a feridos e presos, e é difícil (além de perigoso) realizar esse tipo de coisa sem um grupo de apoio, estratégias, troca constante de informação, etc.

-Quantas pessoas ou grupos fazem parte do coletivo?

Somos cerca de 20 colaboradores. Somos pessoas que atuam em diferentes áreas (jornalistas, advogados, poetas, humoristas, produtores culturais, editores, fotógrafos) e que estão envolvidas em outros projetos e coletivos, desenvolvendo ações diversas, não relacionadas e independentes do RnR.

-Como se organizam e se mantêm?

A organização se dá de forma orgânica. Não existe uma agenda de trabalho, cronogramas, cargos ou hierarquias. Com o tempo, a organização foi se dando de forma natural. Nem sempre todos estão disponíveis, depende muito das outras atividades que exercemos. Das 20 pessoas do coletivo, às vezes temos só 4 ou 5 disponíveis. Outras, 10, 12, 15... Isso se deve muito ao fato de que o Rio Na Rua não se paga, do ponto de vista monetário. Todo recurso usado para a manutenção deste trabalho vem de nós mesmos, por meio de vaquinhas e colaborações voluntárias.

-Que tipo de equipamento utilizam e quantas horas ficam no ar, em média?

Os equipamentos que utilizamos são, basicamente, câmeras fotográficas, gravadores de áudio, celulares e baterias extras, usados por quem fica na rua, e computadores e celulares, usados por quem posta as informações enviadas pelos colaboradores que estão na rua. Não transmitimos ao vivo todos os dias. Fazemos streaming quando há um evento grande ou que achamos importante a transmissão em tempo real, como fizemos com uma coletiva de imprensa promovida pelo DDH com ex-presos das manifestações. Ainda temos que contar com o fator disponibilidade de pessoal e de equipamento. Já chegamos a ficar, entre idas e vindas, cerca de 5 a 6 horas ao vivo, como, por exemplo, nos dias 7 de setembro e 1º de outubro deste ano.

-O material colocado no ar é gravado? Existe arquivo público das transmissões?

As transmissões ao vivo ficam automaticamente arquivadas no site do Twitcasting (<http://twitcasting.tv/olhodarua1/show>), o aplicativo que usamos para streaming. Por medida de segurança, fazemos cópias dos arquivos e planejamos futuramente torná-los disponíveis ao público, de forma mais organizada.

-Quais as linhas editoriais (manifestação, evento, ocupação?)

O Rio na Rua surgiu com o objetivo de cobrir as manifestações políticas no Rio. O foco continua o mesmo, tendo apenas expandido o alcance desse conceito. No momento, além das manifestações na rua, cobrimos ocupações, atos político-culturais, debates, campanhas (como a que estamos fazendo com o DDH, sobre as arbitrariedades das prisões políticas dos últimos meses), eventos de cunho político, além de pautas sobre os motivos das manifestações, como a matéria que fizemos sobre as remoções na comunidade da Estradinha, em Botafogo.

-Tem mais algum canal de publicação além da página no facebook?

Temos um site (www.rionarua.org), que estamos reformulando visualmente, além

de produzir conteúdos exclusivos para o lançamento de uma nova versão. Temos uma conta no twitter (twitter.com/rjnaru), que replica o material produzido no facebook. E também, um canal no Youtube onde postamos vídeos feitos por nossa equipe ou nossos parceiros.

-Como foi a participação no Ocupa Câmara?

A cobertura do Ocupa Câmara (a primeira ocupação, que durou 12 dias) foi um momento importante de nosso trabalho. Cada ocupação, além de um instrumento de pressão política sobre o Estado, é também um espaço de troca de ideias, encontro e reencontro de pessoas envolvidas nas manifestações. É, portanto, um espaço muito rico para quem se engaja em um projeto de mídia alternativa. Nos esforçamos para acompanhar bem de perto, estivemos lá quase todos os dias, e buscamos informações com os ocupantes de dentro e de fora. Tínhamos um amigo envolvido de perto no movimento do Ocupa Câmara e ele acabou se juntando oficialmente à nossa equipe. Certamente, foi um período de amadurecimento político para todos que se envolveram na ocupação e, para nós, em especial, de amadurecimento da cobertura política e do próprio movimento que, desde junho, é bastante difuso e complexo de compreender.

-O movimento mudou o curso das coisas em junho. Foi quando os conhecemos. O movimento midialivrista toma corpo desde 2010. Como começou este movimento no Brasil na visão de vocês, e o que ele significa na atual conjuntura mundial, no Brasil e particularmente dentro do Estado do Rio de Janeiro?

É sempre difícil precisar um ponto inicial para um movimento histórico, mas seguramente os movimentos de mídias livres tomam corpo no Brasil já no século XX. As experiências no Brasil de jornalismo independente, rádios e TVs livres, midiativismo e cineclubismo possuem longa data, ainda que a “terminologia” adotada fossem outras. A popularização da Internet na década de 90 acelera este processo, sendo talvez o trabalho do Centro de Mídia Independente uma das principais referências deste contexto.

Na primeira década deste século, houve uma profusão de novos coletivos, redes, projetos e ações em geral com uma velocidade ainda maior. A partir deste acúmulo, o Ministério da Cultura no Governo Lula passa a apoiar ações de “cultura digital” e o termo “mídia livre” consolida-se então como política pública. O lançamento do “Prêmio de Mídia Livre” ainda em 2009 é ao mesmo tempo o auge e o início do declínio deste diálogo governamental, por conta da paralisia do Ministério das Comunicações, mesmo durante o Governo Lula, e do retrocesso que se instalaria no Ministério da Cultura com a gestão da Ana de Hollanda no Governo Dilma.

Neste contexto, surgem diversas instâncias do “movimento midialivristas” para dialogar com estas políticas. Mesmo período no qual certos grupos começam a se posicionar como “a rede das redes” ou representantes da mídia livre. Porém, antes de ser um conceito de política pública, mídia livre é uma prática que atravessa o fazer de diferentes gerações, cujas raízes não estão na tecnologia digital em si, mas no sentimento de inconformismo com a realidade tal como é dada/comunicada.

Mais do que uma apologia a uma “marca” ou a um “coletivo”, percebemos a importância de diversos movimentos de mídias livres, baseados não na representação e homogeneização, mas na participação direta e na pluralidade. A importância disto se torna ainda mais visível em tempos de vandalismo de Estado, como, por exemplo, a ditadura militar ou o Estado de exceção operado no Rio de Janeiro por conta dos mega-eventos. Nestes contextos, fica explícita a aliança permanente entre os grandes meios de comunicação e os interesses partidários e privados, por meio da distorção de informações, criminalização do movimento social e criação de factóides. Desta maneira, os produtores de mídias livres assumem uma importância ainda mais central não apenas no sentido de difusão de contra-informação, mas também como corpos produtores de novos movimentos políticos e sociais não pautados pela grande mídia.

-Qual o futuro vislumbrado por vocês para o movimento Mídia Livre?

O futuro que construiremos. Por tratar justamente da democratização radical dos meios de comunicação, sendo cada pessoa sua própria mídia, não há um movimento de mídia livre, mas diversos e muitos ainda por vir. O futuro da mídia livre depende basicamente de como cada pessoa torna-se consciente disto e age individual ou coletivamente para construir relações neste sentido.